

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz,
de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática! (Paulo Freire)

Sete vidas! Sete encontros do GTRR! Sete pessoas negras! Essas que, em meio aos (des) encontros da/na vida juizforana apresentaram suas vivências e experiências junto a suas percepções e contribuições do GTRR em suas *práxis*. Sete pessoas representantes de uma parcela tão significativa e significativa nessa Juiz de Fora que, reconhecidamente a princesa de Minas, foi cativo, construída não apenas pela imigração alemã, italiana e outras européias como nos é ensinado, mas sobretudo por negras/os trazidas/os (sequestradas/os) do continente africano, os quais se insistem em não nos dizer! Ora, reflexo esse apontado recentemente para o 3º lugar no *ranking* brasileiro de desigualdades raciais que nossa cidade ocupa¹. As/o sete integrantes do GTRR que fizeram as suas apresentações nos disseram sobre a importância de se verem representadas/o, a vontade e prazer de estar com, o acolhimento, a promoção de saúde que tudo isso traz, a possibilidade “terapêutica” de nos encontrarmos. E também, da formação para as relações étnico-raciais que ainda não se consolidou em suas graduações. Mas o mais interessante foi que contaram de/ a partir de si, de nós negras/os em diáspora, sobre, então, de nos tornamos negras/os. Ou, ainda se apropriando de Paulo Freire, relataram sobre o mover-se como gente, antes de mover-se como profissionais. Falaram, dessa maneira, sobre as “transformações” que estão construindo em seus espaços acadêmicos/profissionais, impulsionadas por uma outra lógica do saber-fazer: a afrocentrada, a protagonizada de *Nós por nós!* A arte nos deu o tom. Naquele dia, o auditório do CRP esteve recheado pelas pretas memórias, que, para além de ditas, estavam ali representadas e (re) significadas em cada objeto que levamos e confeccionamos para expormos. Em cada lágrima! Em cada abraço! Em cada “obrigada/o” que dissemos umas/uns para as outras/os”.



Emmanuella Calazans, estudante de psicologia, se apresentou com uma poesia por ela composta que nos contava sobre o seu encontro com as relações raciais, e nos emocionou sobre a sua trajetória desde a infância até o momento presente no GTRR! Falou-nos, também, sobre suas movimentações juntamente com **Vitória Castro**, acadêmica de psicologia na mesma instituição de ensino, sobre suas atuações nas transformações da realidade onde estudam, pela via da possibilidade da extensão curricular. E, ao mesmo tempo para fora dela como no caso de **Vitória Castro** que pretende trazer para esse viés extensionista, o projeto social que empodera negras/os via ensaios fotográficos, o qual é idealizadora. **Julia Afonso**, também aluna de psicologia de outra instituição em Juiz de Fora, nos encantou com suas articulações em seu estágio curricular na área comunitária, que, para além do GTRR, envolveu uma reconhecida e atuante organização de mulheres negras na cidade,

¹ Ver em <https://oglobo.globo.com/economia/nivel-da-qualidade-de-vida-dos-negros-tem-uma-decada-de-atraso-em-relacao-aos-brancos-21308804> Acessado em 7 Jun 2017

Candaces, a qual pertenço. **Fabiana Lemos**, bacharela em Geografia, potencializou o nosso encontro, ao nos dizer sobre sua atuação em um grupo recém criado pelo setor de ações afirmativas de uma determinada instituição pública de Juiz de Fora, e que se destina a pensar sobre esse cenário, fomentando sobre as ações construídas nesse espaço, pelo grupo ao qual integra. Já **Ana Carolina Bustamante**, psicóloga, através da dinâmica dos privilégios por ela conduzida, nos mobilizou frente aos privilégios de pessoas brancas em situações cotidianas. No momento, tivemos a oportunidade de conversarmos sobre a experiência vivenciada por cada uma/um. Eu mesma participei, e já não tinha mais espaço para retroceder nos passos, pois a parede me limitava, demonstrando que eu, mulher preta, estou em desvantagem nessa sociedade quando comparado as pessoas brancas, a homens brancos. E o interessante foram que as pessoas brancas as quais se estabeleceram a frente, puderam, emocionadamente, reconhecer tais vantagens. **Flávia Carvalho**, pedagoga/professora da rede pública municipal de Juiz de Fora, já realizava trabalhos com suas/seus alunas/os no que diz respeito às relações étnico-raciais, e nos fascinou ao contar que o GTRR contribui, sobremaneira em sua prática profissional em sala de aula para o desenvolvimento de empatia para/com as/os estudantes, viabilizando momentos que elas/eles possam falar de si, assim como fazemos no GTRR. Apostou, a partir disso, trabalhar com a obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus como disparadora de realidades. **Lohan Ventura**, estudante de História, vibrou/vibramos em altíssima sintonia, ao recitar a poesia que criou para nosso I Painele:

“Pretos e pobres ocupam 7% das universidades públicas!

Em contraste a 36% de brancos ricos nos mesmos locais!

A cada 23 minutos um jovem preto é morto nas grandes capitais!

Antecedentes criminais? Atitude suspeita?

A mira da polícia ta na pele preta

E essa noite meu corpo não se deita

É dia de poesia

É dia da literatura no gueto

Que denuncia em suas rimas

O genocídio do teu povo preto

Essa noite eu sinto o açoite cortar a minha carne

Que já fora a mais barata do mercado

Sinto o sangrar do meu passado

Mas hoje ele se faz curado

O povo preto ta se organizando

O movimento negro é unificado

Por um país antirracista

E o GT Relações Raciais

Não se faz sectarista

Tem debate com o branco

Em reação aos privilégios

Tem a interdisciplinaridade

A psicologia e a historicidade

Provam que em nossos debates
Freud até explica
Mas a casa grande cala
Quem o reivindica da senzala
Por isso nos organizemos
Psicólogos, geógrafos, historiadores
Senhoras e senhores
O povo preto virou doutor
A produção do conhecimento
Agora tem outro tipo de cor
Nós falamos por nós
Pelo africanismo que desata os nós
Que nos prende a inferioridade
Nós somos agente ativo na mudança da realidade
E aqui estamos juntos
Pela liberdade ainda que tardia
Povo preto unido é povo preto forte
Quem discute as relações raciais
Está combatendo o racismo
Que nos causa morte
Fora temer
Vida longa a juventude preta
Que represento em minha voz!

Lohan Ventura está decido a transformar a História! As histórias! Por isso pretende continuar em movimento, e, quem sabe, formar daqui uns tempos um coletivo de estudantes negros/as em sua faculdade, motivado pelo GTRR.

E assim a gente vai trilhando o nosso caminho! Acreditando que são vários, inclusive, os caminhos. Mas na certeza que só o fazemos ao caminhar!

Com afeto, afetividade e luta,

Alline Aparecida Pereira

Mulher preta em movimento

Coordenadora GTRR Subsede Sudeste

CRP 04 46 221